

Entre as paredes materiais e psicológicas:

A construção de ambientes nos contos “A casa dos Mastros” de Orlanda Amarilis e “No moinho” de Eça de Queirós

Cláudio Magalhães

RESUMO: Este artigo explora a função do espaço ficcional nos contos “A Casa dos Mastros”, de Orlanda Amarilis, e “No Moinho”, de Eça de Queirós. A análise comparativa foca em como os ambientes, especificamente o espaço físico das casas, transcendem a mera descrição para se tornarem elementos cruciais na construção dos conflitos internos das personagens e das tensões sociais e psicológicas de suas épocas. Ambos os autores utilizam a casa como um elemento central e simbólico, refletindo o aprisionamento e o sofrimento de suas protagonistas, Violete e Maria da Piedade. Em “A Casa dos Mastros”, o ambiente é um reflexo da solidão e deterioração moral de Violete, enquanto em “No Moinho”, a casa, apesar de bem cuidada, espelha a opressão e o adoecimento da sociedade e da protagonista. O estudo se ampara nas teorias de Gaston Bachelard, Michel Foucault e Doreen Massey. Bachelard enfatiza a dimensão psíquica do espaço, mostrando como a casa se torna uma extensão da subjetividade. Foucault aborda o espaço como um reflexo das relações de poder, e Massey o vê como uma “dimensão social” que revela interações e conflitos. A comparação demonstra que as casas nas duas obras não são apenas cenários, mas personagens ativas, testemunhas da opressão feminina e da rigidez de sociedades patriarcais. Elas representam um “cárcere” que confina as protagonistas, moldadas pelas expectativas sociais e pela falta de liberdade. Dessa forma, o espaço ficcional se revela como um espelho das angústias e da luta por autonomia das personagens, ampliando a compreensão das complexas relações entre indivíduo, sociedade e subjetividade na literatura.

Palavras-chave: Literatura comparada. Espaço ficcional. Opressão feminina.

ABSTRACT: This article explores the function of fictional space in the short stories "A Casa dos Mastros" by Orlanda Amarilis and "No Moinho" by Eça de Queirós. The comparative analysis focuses on how the environments, specifically the physical space of the houses, transcend mere description to become crucial elements in constructing the characters' internal conflicts and the social and psychological tensions of their respective eras. Both authors use the house as a central and symbolic element, reflecting the imprisonment and suffering of their protagonists, Violete and Maria da Piedade. In "A Casa dos Mastros," the environment reflects Violete's loneliness and moral deterioration, while in "No Moinho," the house, despite being well-maintained, mirrors the oppression and decay of society and the protagonist. The study is grounded in the theories of Gaston Bachelard, Michel Foucault, and Doreen Massey. Bachelard emphasizes the psychic dimension of space, showing how the house becomes an extension of subjectivity. Foucault addresses space as a reflection of power relations, and Massey views it as a "social dimension" that reveals interactions and conflicts. The comparison demonstrates that the houses in both works are not just settings, but active characters, bearing witness to female oppression and the rigidity of patriarchal societies. They represent a "prison" that confines the protagonists, shaped by social expectations and a lack of

freedom. In this way, fictional space is revealed as a mirror of the characters' anxieties and their struggle for autonomy, broadening the understanding of the complex relationships among the individual, society, and subjectivity in literature.

Keywords: Comparative literature. Fictional space. Female oppression.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise comparada entre os contos “A Casa dos Mastros”, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarilis (1924 – 2014), e “No Moinho”, do escritor português Eça de Queirós (1845 – 1900), com enfoque na construção do ambiente e como esses espaços refletem e amplificam os conflitos internos dos personagens, além de servir como um reflexo das tensões sociais e psicológicas presentes nas obras. Por meio dessa análise, pretende-se explorar as funções narrativas, simbólicas e estruturais do espaço literário, destacando suas convergências e divergências à luz das teorias da literatura comparada.

A escolha dos contos “A Casa dos Mastros” e “No Moinho” para a realização deste estudo comparativo fundamenta-se na enorme relevância dos contistas para a literatura mundial, mas também na forma como se utilizam do espaço como elemento central para a construção narrativa em suas obras. Embora situados em contextos históricos, culturais e geográficos distintos, os dois contos exploram de maneira singular como o ambiente pode refletir, ampliar e até mesmo determinar os dilemas internos de suas protagonistas. Essa abordagem revela a força simbólica do espaço na literatura, bem como sua capacidade de expor e questionar estruturas sociais subjacentes. A análise comparativa não só aprofunda a compreensão da produção literária de Orlanda Amarilis e Eça de Queirós, como também amplia o escopo do debate acadêmico sobre as intersecções entre espaço, subjetividade e sociedade, propondo uma leitura interdisciplinar que pode contribuir para o campo dos estudos literários.

O espaço ficcional desempenha um papel central na literatura, não apenas como cenário para os eventos narrativos, mas também como um elemento simbólico que reflete as complexidades emocionais, psicológicas e sociais dos personagens. Nos contos analisados, o ambiente transcende sua função descritiva para tornar-se um catalisador das tensões

internas vivenciadas pelas protagonistas e um espelho das dinâmicas sociais de seus contextos históricos. O estudo da construção desses espaços revela camadas profundas de significados que ampliam a compreensão das relações entre indivíduo, sociedade e subjetividade na ficção.

Para alcançar os objetivos propostos, o artigo adota uma abordagem teórico-comparativa, fundamentada nos pressupostos da literatura comparada (Brunel, 1990) e nas contribuições de Gaston Bachelard (1979 e 1993), que ilumina a relação íntima entre o espaço e a subjetividade, Michel Foucault (1994 e 2013), com suas reflexões sobre espaço, poder e discurso, particularmente no que tange à construção de ambientes como dispositivos de controle e revelação das tensões sociais, e Doreen Barbara Massey (2008), sobre como o espaço se revela não apenas como um local físico, mas como uma "dimensão social" que reflete as interações e as complexas dinâmicas de poder, conflitos e diversidade. A análise crítica será guiada pela interpretação textual dos dois contos, com atenção à descrição do espaço, às dinâmicas de conflito interno dos personagens e às tensões sociais representadas nos ambientes. Além disso, serão observadas algumas especificidades históricas e culturais de Cabo Verde e Portugal que moldam a concepção desses espaços literários.

LITERATURA COMPARADA

A literatura comparada é um campo de estudos interdisciplinar voltado para o estabelecimento de conexões entre diferentes expressões culturais e tradições literárias, transcendendo barreiras linguísticas, temporais e geográficas. Brunel (1990, p.2) diz, brilhantemente, que a literatura comparada foi, de início, um meio escolar, senão escolástico, de se apreciar a literatura, ou seja, para além de simples ferramenta de estudo, a literatura comparada torna-se um meio para aqueles que buscam, além de compreender, apreciar a literatura. Mais do que uma simples análise de textos oriundos de contextos distintos, constitui-se como uma ferramenta poderosa para compreender as complexas

Entre as paredes materiais e psicológicas: A construção de ambientes nos contos “A casa dos Mastros” de Orlanda Amarilis e “No moinho” de Eça de Queirós

interações entre literatura, cultura e sociedade, revelando a diversidade e a universalidade da experiência humana por meio da literatura.

Ao comparar obras de diferentes autores e épocas, amplia-se significativamente a visão crítica sobre a literatura, identificando padrões estilísticos, traços intertextuais, influências recíprocas e tendências culturais que moldam as produções artísticas. Essa análise não só revela as particularidades de cada obra, mas também ressalta os diálogos implícitos que emergem entre diferentes contextos literários, permitindo observar como a criação artística ressignifica e perpetua temas e questionamentos universais, transformando e/ou moldando a realidade em que se insere.

Salvato Trigo, citando Leyla Perrone-Moisés (Trigo, 1989), lembra que, ao estudar as relações existentes entre literaturas de diferentes nacionalidades, estilos, autores e obras, é possível concluir que a literatura se forma por meio de um constante diálogo entre textos, seja através de retomadas, empréstimos ou trocas. A literatura origina-se na própria literatura, seja ao continuar algo já escrito, ao contestar, ao imitar ou ao complementar obras anteriores. A literatura, portanto, nasce do diálogo com a literatura.

A representação da casa na obra “A Casa dos Mastros”: um espaço de solidão, sofrimento e deterioração moral

O conto “A Casa dos Mastros” insere-se no universo temático da escrita de Orlanda Amarilis, onde ela aborda questões como a relação do indivíduo com a comunidade, os efeitos do colonialismo e as tensões entre modernidade e tradição, apresentando um espaço que vai além de sua descrição física para assumir uma dimensão simbólica e psicológica. A casa, que dá título ao conto, aparece como um *lócus* carregado de significados, refletindo as condições de vida, as tensões sociais e as frustrações íntimas dos personagens. É por meio desse espaço que a autora constrói um cenário denso, onde o interior físico e emocional dos personagens dialoga com a atmosfera da casa, carregada de mistério e opressão.

O conto evidencia como o espaço pode ser simultaneamente um refúgio e uma prisão, refletindo os dilemas dos personagens ao lidarem com as contradições de seu contexto

histórico e cultural. Essa construção do espaço como metáfora estende-se às camadas mais profundas do conto, proporcionando ao leitor uma experiência imersiva que vai além do imediato, sugerindo leituras múltiplas que conectam os níveis pessoal e coletivo.

A casa torna-se um local sufocante, impregnado de tensão e isolamento, assim como os sentimentos da personagem principal, que é tomada por uma sensação de aprisionamento não só físico, mas emocional e psicológico. O ambiente fechado e limitado da casa reflete as condições internas da protagonista, marcada pela frustração e pela impossibilidade de mudança. Cada mastro, cada espaço recluso da casa torna-se uma metáfora do estado psicológico da personagem, que se vê presa nas correntes da tradição e das expectativas sociais de sua comunidade. O espaço ressoando com um vazio emocional manifesta, de forma silenciosa, a falta de espaço próprio e de liberdade da protagonista. Violete é uma prisioneira, sufocada pelas regras e expectativas sociais a que se encontra sujeita e subjugada pelos elementos masculinos com quem coabita naquele lugar.

A representação da casa na obra “No Moinho”: um espelho que reflete almas e sociedade adoecidas

Eça de Queirós é crítico e irônico nesta obra ao retratar as condições sociais, políticas e econômicas de Portugal no século XIX. Ele busca desmantelar as hipocrisias da sociedade burguesa e explorar as complexidades psicológicas dos personagens em relação a esse contexto. Sua obra configura um quadro social que, muitas vezes, se apresenta carregado de tensões entre a tradição e as aspirações de modernização do país, assim como entre o individualismo e a moral coletiva.

O conto “No Moinho” reflete as preocupações centrais do autor, utilizando a descrição do espaço da casa e seu entorno como uma extensão dos conflitos internos da personagem principal. Este ambiente torna-se um símbolo do isolamento emocional, das amarras impostas pela moral e pelas expectativas sociais da época. O espaço não é apenas um cenário físico; é uma metáfora para as condições opressivas vividas pela personagem, que é consumida pela rotina mecânica e alienante de seu cotidiano.

COMO OS AUTORES CONSTROEM O ESPAÇO FICCIONAL: COMPARANDO A CONSTRUÇÃO DE AMBIENTES

O espaço ficcional, longe de ser um simples cenário passivo, desempenha um papel fundamental na construção das tensões psicológicas, emocionais e sociais nas narrativas. Tanto em “A Casa dos Mastros” quanto em “No Moinho”, o ambiente torna-se um personagem por si, refletindo e amplificando os dilemas internos das protagonistas, enquanto também revela as complexas interações entre o indivíduo e seu contexto social. Neste artigo, discute-se como a construção do espaço nas obras analisadas não se limita à sua representação física, mas adquire uma função simbólica, psicológica e narrativa significativa. Além disso, observa-se em que medida o ambiente retratado em cada obra reflete e intensifica os conflitos internos das personagens, como as tensões sociais presentes são projetadas nos espaços ficcionais. Ademais, reflete-se sobre o modo como essas construções espaciais contribuem para o desenvolvimento narrativo. Na perspectiva geral do artigo, abordaremos as maneiras pelas quais os espaços são empregados como dispositivos de reflexão sobre o estado psicológico dos personagens e como, por meio de suas descrições, os autores constroem uma visão crítica sobre os arranjos sociais retratados.

Na obra de Queirós, temos uma casa localizada em um cenário bucólico e cercada de belezas naturais, entretanto, a casa é citada como um lugar “adoecido”, espelhando a situação física e mental de seus habitantes. A casa na obra “No Moinho” é muito bem cuidada por Maria da Piedade, mas assim como no conto de Amarilis, esta casa também é um reflexo da opressão e do aprisionamento emocional ao qual Maria da Piedade está sujeita.: A protagonista é cuidadora, tanto da casa quanto de seus moradores:

A casa, interiormente, parecia lúgubre. Andava-se nas pontas dos pés, porque o senhor, na excitação nervosa que lhe davam as insônias, irritava-se com o menor rumor; havia sobre as cômodas alguma garrafada da botica, alguma malga com papas de linhaça; as mesmas flores com que ela, no seu arranjo e no seu gosto de frescura, ornava as mesas, depressa murchavam naquele ar abafado de febre, nunca renovado por causa das correntes de ar; e era uma tristeza ver sempre algum dos pequenos ou de emplastro sobre a

orelha, ou a um canto do canapé, embrulhado em cobertores com uma amarelidão de hospital. (Queirós, 1902. p. 1).

Um espaço que deveria representar segurança e conforto se transforma em uma representação do confinamento psicológico da personagem, incapaz de fugir de uma vida predestinada, sem opção de mudança ou de realização de seus próprios desejos. Esta casa/hospital espelha o estado mental de Maria da Piedade, constantemente marcada pela opressão, pela dor e pela sensação de impotência diante das pressões externas e internas. Maria da Piedade seguia presa à casa e aos seus, mais como uma enfermeira do que, propriamente, esposa e mãe:

O marido, mais velho que ela, era um inválido, sempre de cama, inutilizado por uma doença de espinha; havia anos que não descia à rua; avistavam-no às vezes também à janela murcho e trôpego, agarrado à bengala, encolhido na robe-de-chambre, com uma face macilenta, a barba desleixada e com um barretinho de seda enterrado melancolicamente até ao cachaço. Os filhos, duas rapariguitas e um rapaz, eram também doentes, crescendo pouco e com dificuldade, cheios de tumores nas orelhas, chorões e tristonhos. (Queirós, 1902, p.2)

Em “A Casa dos Mastros”, a casa representa o cenário da opressão psicológica da protagonista. Esse espaço, fechando-se sobre a personagem, serve como meio para aprofundar o sentimento de isolamento e aprisionamento interno. A casa, marcada pelas estruturas fixas e tradicionais, com seus mastros que delimitam fisicamente o movimento da personagem, torna-se um reflexo da rigidez das normas sociais e das imposições da tradição. O espaço doméstico espelha diretamente o conflito psicológico da protagonista, que, ao ser mantida dentro dessas paredes limítrofes, é confrontada com sua própria angústia existencial. Esse ambiente, carregado de símbolos de controle e imposição, atua como um cenário dinâmico onde as limitações psicológicas e as tensões internas da personagem se conectam com o mundo social ao seu redor.

Ambos os espaços funcionam, portanto, como espelhos das angústias das personagens, fazendo com que o ambiente deixe de ser meramente um palco para a trama, tornando-se um elemento ativo na construção das emoções e do conflito psicológico que envolvem as personagens centrais. E refletem a questão do aprisionamento e sufocamento

pelas normas e expectativas sociais colocadas sobre Maria da Piedade e Violete. A elas, às protagonistas, cabe a tarefa de cumprir o papel de mãe abnegada, esposa dedicada, mulher compreensiva, filha obediente, além de enfermeira competente e dama exemplar da sociedade.

Nos dois contos, há uma “transcendência” de funções da estrutura “casa”. Para além da função física do local de moradia, este ambiente assume uma simbologia poderosa, representando um espaço de cárcere, carregado de sofrimento e opressão, tornando-se um reflexo das almas oprimidas e amarguradas de Maria da Piedade e de Violete, uma representação fiel do contexto social em que vivem. De acordo com Massey (2008), o espaço se revela não apenas como um local físico, mas como uma "dimensão social" que reflete as interações e as complexas dinâmicas de poder, conflitos e diversidade. Massey (2008) salienta que:

Se o tempo se revela como mudança, então o espaço se revela como interação. Neste sentido, o espaço é a dimensão social não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade. Trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional (Massey, 2008 p. 97 - 98).

Seguindo a perspectiva proposta por Massey (2008), observa-se que o ambiente nos contos de Amarilis e Queirós é mais do que um simples cenário de fundo. Ele assume o papel de personagem ativo, engajado na representação das complexas relações de poder e das tensões internas das personagens. Os espaços em “A Casa dos Mastros” e “No Moinho” tornam-se símbolos dinâmicos das lutas das protagonistas, refletindo as marcas de violência, subordinação e opressão, ao mesmo tempo que carregam as buscas por liberdade e autonomia. Dessa forma, o espaço é recriado como um elemento de produção contínua, onde as experiências femininas são moldadas e transformadas, refletindo a tensão entre os sujeitos e suas condições sociais.

A partir da análise do espaço doméstico, podemos expandir nossa visão e refletir sobre o papel e a condição da mulher nas sociedades patriarcais, destacando as limitações

impostas pela tradição e pelos costumes. O espaço doméstico, nesse sentido, atua como um reflexo das normas sociais que moldam o lugar da mulher, muitas vezes confinada à esfera privada, sujeita à opressão e à subordinação. Além disso, essa análise nos permite compreender a necessidade de construir espaços de resistência e empoderamento, que proporcionem o rompimento com os estereótipos e as restrições históricas impostas às mulheres. Como Massey (2008) observa, o espaço não é apenas um lugar físico, mas um campo de interações e relações sociais que pode ser transformado em agente de mudança, estabelecendo novas formas de resistência e de autonomia no enfrentamento das desigualdades de gênero.

Se tomarmos as casas nestes contos como uma crítica social, encontraremos residências provincianas que, embora não se apresentem como luxuosas, evocam as características da burguesia, com seus valores e costumes. A casa torna-se, portanto, um microcosmo da sociedade, refletindo suas hipocrisias e superficialidades.

Nos contos comparados neste trabalho, o ambiente da casa é uma testemunha silenciosa do passado, preservando as marcas de sofrimento e violência vividos ali. Podemos comparar seus cômodos com um arquivo, onde se registram momentos de tristeza, melancolia e desilusão daqueles que ali habitam ou que ali habitaram. A casa pode ser vista como um espelho distorcido, refletindo o estado psicológico adoecido dos personagens dos contos ao espelhar sua angústia, solidão e seu anseio interior por liberdade. Massey (2008) avalia que o espaço “casa”, para além de suas associações geográficas com extensão, distância e localidade, revela-se como um produto das relações sociais e identitárias, produzindo um resultado espacial concreto: “o espaço não é uma extensão imóvel, mas uma prática simultânea de interações, onde as relações humanas o constroem de maneira dinâmica” (Massey, 2008, p. 92).

Este conceito da teoria de Massey é evidenciado na narrativa de Amarílis, particularmente ao percebermos como a deterioração moral e psíquica da protagonista Violete coincide com a decadência física da Casa dos Mastros. O mesmo é válido para a casa do conto de Queirós, que se torna lúgubre seguindo o contexto de adoecimento físico e psíquico de seus habitantes. O espaço da casa, assim como o estado de espírito e o conflito

interno dos personagens, encontram-se em constante transformação, espelhando suas próprias inquietações.

Identificando pontos de convergência na construção do espaço nas obras comparadas

Ao se estabelecer um diálogo entre as obras “A Casa dos Mastros” de Orlanda Amarilis e “No Moinho” de Eça de Queirós, torna-se evidente que, embora partam de contextos culturais e históricos distintos na época de sua elaboração, ambas compartilham temas universais como a opressão e a violência contra a mulher, o isolamento e os conflitos existenciais, elementos que se entrelaçam profundamente nas construções espaciais. O espaço, enquanto elemento narrativo, assume um papel primordial não apenas como um cenário, mas como um reflexo da condição emocional, social e política das personagens. As casas que figuram nas narrativas, tornam-se representações desses conflitos, simbolizando tanto os embates internos das personagens quanto as limitações impostas pelas circunstâncias externas.

Ambos os ambientes, como descreve Bachelard (1979), assumem uma “dimensão onírica” na qual as limitações físicas do espaço se tornam reflexos das limitações da própria liberdade das personagens (Bachelard, 1979, p. 50). As casas dos contos comparados, em sua superficialidade e opressão, estão em constante confronto com o desejo de liberdade das personagens, intensificando suas angústias e reforçando suas condições de isolamento. Assim, a aproximação dos espaços das duas narrativas – símbolos de repressão e confinamento – tem seu paralelismo nas tensões internas e externas vivenciadas pelas protagonistas, fornecendo um campo fértil para a exploração dos processos psíquicos e sociais que as determinam. Essa articulação do espaço físico do ambiente com o interior emocional das personagens evoca o pensamento de Bachelard que, em sua *Poética do Espaço* argumenta que “a casa é uma memória que cria dentro de si, uma leitura psíquica do ser” (Bachelard, 1993, p. 28), ou seja, o espaço doméstico se apresenta não só como um reflexo, mas também como uma expansão da subjetividade do indivíduo. A deterioração física desses

espaços configura-se, assim, como uma manifestação da deterioração psicológica e existencial de seus habitantes.

Após analisarmos a construção de ambiente nos contos comparados, sob a ótica da teoria de Bachelard (1993), evidencia-se a característica de ambos os autores em utilizar a técnica de espelhar a apresentação do ambiente na situação psicológica de suas protagonistas. Amarilis cria sua ambientação através de uma visão decadente da casa/habitação que reflete a situação mental de Violete. Violete e a casa se confundem num todo de solidão e imobilidade emocional. Há uma espera de vida que nunca se realiza e, mulher e casa, vivem presas num limiar entre o passado e o presente:

Debruçou-se à janela e perscrutando o pôr do sol, sonolento e arrastado, enfeitando ainda algumas clareiras da rua, deu-se conta de estar a passar mais um dia sobre os outros já idos na poeirenta cidade (Amarilis, 1983, p.41).

Os dias passaram, os meses rolaram, a ventania assolou portas e telhados, a ventura espreitou em algumas casas, não a do pai. E para que se aquela casa era de mortos amedrontados pelas teias a multiplicarem-se, de corrente de ar, de maldição acumulada (Amarilis, 1983, p.52).

Violete continuou a viver de recordações, de desejos amaldiçoados, só sem ninguém, errando pela casa. Alexandrino viera a morrer numa tarde de suão: o pai desapareceu depois da noite de lascívia incestuosa. Nunca mais o viu (Amarilis, 1983. p.53).

Embora a casa no conto de Eça de Queirós esteja em um cenário naturalmente belo e sereno, a descrição que alcançamos ao ler o conto é de que esta é uma casa "doente", refletindo a condição física e psicológica de seus habitantes. Apesar do cuidado meticuloso que a protagonista, Maria da Piedade, dedica à residência e aos seus moradores, o local acaba por simbolizar a repressão e o confinamento emocional que ela mesma enfrenta:

A sua única distração era à tarde sentar-se à janela com a sua costura, e a pequenada em roda aninhada no chão, brincando tristemente. A mesma paisagem que ela via da janela era tão monótona como a sua vida: embaixo a estrada, depois uma ondulação de campos, uma terra magra plantada aqui e além de oliveiras e, erguendo-se ao fundo, uma colina triste e nua, sem uma casa, uma árvore, um fumo de casal que pusesse naquela solidão de terreno pobre uma nota humana e viva

Entre as paredes materiais e psicológicas: A construção de ambientes nos contos “A casa dos Mastros” de Orlanda Amarilis e “No moinho” de Eça de Queirós

Apressava o passo para chegar bem depressa à fazenda, aviar o negócio com o Teles e voltar imediatamente a refugiar-se, como no seu elemento próprio, no ar abafado e triste do seu hospital (Queirós, 1902, p. 4).

São visíveis as convergências temáticas na criação de ambientes nos contos de Amarilis e Queirós que estamos comparando. A maneira como esses espaços se configuram está profundamente enraizada em contextos culturais e históricos que os moldam. A casa em “A Casa dos Mastros” e em “No Moinho” se insere no universo de uma sociedade patriarcal, em que a expectativa sobre a mulher se limita ao espaço doméstico, à função de mãe, esposa e cuidadora da família e do lar, refletindo a construção de um tipo de espaço fechado, onde o isolamento social e psicológico se torna uma constante. Nesse cenário, o espaço, longe de ser apenas físico, funciona como uma cápsula do tempo e da tradição, algo que se alinha com a visão de Bachelard sobre a casa enquanto espaço de “fixação” da memória e dos rituais diários: “o que está em jogo no espaço da casa é uma determinada capacidade de fixar a vida, de afirmá-la através dos significados carregados por seus elementos” (Bachelard, 1993, p. 24).

Com intuito de ampliar nossa análise comparativa, busco amparo teórico ainda na visão de Michel Foucault sobre o que ele denomina como “heterotopia” – espaços reais que, embora inseridos no cotidiano, distorcem a organização convencional do espaço e do tempo. Foucault (2013) afirma que “a heterotopia é um espaço fora do tempo, sem normas fixas, que atua como uma realidade paralela onde outras regras se aplicam” (Foucault, 2013, p. 9), ou seja, os espaços íntimos e mesmo os abrigos ocasionais, capazes de produzir sentimentos e lembranças são um importante instrumento de descoberta do espírito e da alma humana e isto está presente nas obras de Amarilis e Queirós que tomamos como objeto desta análise comparada.

Bruno Deusdará, citando Foucault (1994) em seu artigo “Implicações Do Conceito Foucaultiano de Heterotopia nos Estudos Discursivos” (Deusdará, 2022), diz que “O espaço é o lugar privilegiado de compreensão de como o poder opera”, ou seja, os espaços são vistos não apenas como locais físicos, mas como construções sociais e culturais que refletem e moldam nossas vidas. Ao aplicar esse conceito às casas presentes nos contos aqui analisados, desvelam-se as complexidades e significados que esses ambientes carregam.

Nesse contexto, o ambiente residencial no conto "A Casa dos Mastros", para além do espaço físico, se torna um personagem, um abrigo e uma passagem para o passado. A casa é um espaço de memória, onde os "fantasmas" do passado coexistem com os do presente, preservando a história da família e funcionando como um arquivo vivo das suas experiências. Os mastros, elementos presentes no título da obra, representam a história e a autoridade masculina presente naquele ambiente. A casa, portanto, é uma heterotopia da memória, ou seja, é aquele lugar onde o tempo se distende, dissolvendo consigo as barreiras entre o real e o imaginário.

Em "No Moinho", Foucault nos permite analisar a casa como um espaço de confinamento, tanto físico quanto psicológico. Neste conto, o ambiente da casa criada por Queirós é um lugar isolado, decadente e adoecido e reflete a situação da família e da sociedade portuguesa. A casa, de certa forma, tornou-se uma prisão e/ou um hospital. Um lugar onde os personagens estão aprisionados nas suas limitações físicas e morais, mas também pelas expectativas que a sociedade impõe sobre eles.

Quando aplicamos as teorias de Massey, Bachelard e Foucault à análise comparativa dos espaços nas duas narrativas, fica claro que os dois autores utilizam o espaço de maneira inovadora para mediar a relação das personagens com o mundo que as circunda. Enquanto Massey defende uma "dimensão social" refletindo as interações e as complexas dinâmicas de poder, conflitos e diversidade, Bachelard nos oferece a ideia da casa como uma extensão da psique e dos desejos interiores, enquanto Foucault nos proporciona uma compreensão mais crítica dos espaços sociais como construções dinâmicas, cuja própria estrutura de significação é determinada por relações de poder e saber. As casas, em ambos os contos, são mais do que cenários passivos, tornam-se elementos ativos, moldados pelas relações de poder e cultura da sociedade que se impõem sobre seus habitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi realizada uma análise comparativa entre os contos "A Casa dos Mastros", de Orlanda Amarilis, e "No Moinho", de Eça de Queirós, objetivando-se investigar

como os autores lançam mão do espaço em suas narrativas, não apenas como cenários físicos para suas tramas, mas como elementos expressivos dos conflitos internos e externos vividos pelos personagens. Ao longo da análise, identificou-se que os espaços representados pelas casas transcendem sua função de simples ambientes físicos, tornando-se parte atuante no desenvolvimento psicológico dos personagens em ambos os contos. Ambos os espaços são multifacetados e se entrelaçam com as questões de opressão, isolamento, sofrimento e luta por liberdade das protagonistas, temas que ecoam de forma universal e simultânea nas duas obras.

A partir da interação desses ambientes com as experiências das personagens, foi possível observar que, tanto em “A Casa dos Mastros” quanto em “No Moinho” o espaço “casa” reflete a repressão e os limites impostos pelas normas sociais patriarcais, revelando uma realidade de exploração e alienação. Esses espaços funcionam como extensões das condições emocionais e sociais de Maria da Piedade e Violete, bem como das transformações históricas e culturais que permeiam suas existências. A partir das discussões propostas por teóricos como Doreen Massey, Gaston Bachelard e Michel Foucault, foi possível compreender como os espaços nos contos manifestam uma “memória psíquica” que coexiste com a história das personagens, assim como encontramos traços de “heterotopia”, refletindo relações de poder e resistência e da "dimensão social" com suas interações entre poder, conflitos e diversidade.

A análise comparada das obras não só reforçou a ideia de que o espaço, em suas múltiplas dimensões, se configura como um reflexo das relações intersubjetivas entre os personagens e a sociedade em que estão inseridas, mas também mostrou como a literatura serve como um elo entre o individual e o coletivo. Assim, as casas atuam como elementos simbólicos poderosos, revelando as tensões emocionais, psicológicas e sociais que marcam o cotidiano dos personagens e, consequentemente, das sociedades em que elas vivem.

Considerando as contribuições dessas narrativas para a compreensão da relação entre espaço, subjetividade e sociedade, sugerem-se alguns caminhos para estudos futuros. Uma abordagem interdisciplinar que considere aspectos históricos, sociológicos e psicológicos poderia enriquecer ainda mais a análise dessas obras, permitindo uma compreensão mais profunda de como os espaços não são apenas reflexos, mas também produtores de

MAGALHÃES, C.

subjetividade e mudança. Em síntese, a comparação entre “A Casa dos Mastros” e “No Moinho” proporcionou uma reflexão importante sobre a construção do espaço nas narrativas ficcionais e sua relação com os conflitos internos e sociais dos personagens, destacando o papel fundamental da literatura enquanto meio de expressão e resistência contra as opressões históricas e culturais. O espaço, nesse sentido, se revela como um cenário dinâmico e potente, que possibilita a análise dos diferentes contextos sociais, históricos e econômicos que permeiam os estudos literários.

REFERÊNCIAS:

AMARÍLIS, Orlanda. **Ilhéu dos pássaros**. Lisboa: Plátano, 1982.

BACHELARD, Gaston – **Os Pensadores**. Trad. António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993

BRUNEL, Pierre *et al.* **Que é literatura comparada?** Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva: EDUSP; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990. Disponível em: https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Aula2_litcomp_brunel.pdf

DEUSDARÁ, Bruno. **Implicações Do Conceito Foucaultiano De Heterotopia Nos Estudos Discursivos**. Revista Da Anpoll, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2022.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

QUEIRÓS, Eça de. **No moinho**. Disponível em <https://www.baixelivros.com.br/literatura-portuguesa/no-moinho>. Acesso em 15 jul. 2020.

TRIGO, Salvato. Da urgência do comparatismo nos estudos literários luso-afro-brasileiros. In: **Ensaios de Literatura Comparada Luso-afro-brasileiros**. Lisboa: Veja, 1989

SOBRE O AUTOR:

Cláudio Magalhães é servidor público da educação no Estado de Minas Gerais. Graduado em Letras Português/Inglês e suas literaturas pela UEMG, Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela UFJF e, atualmente, doutorando em Letras pela PUC/MG, com foco na Literatura de países de

Entre as paredes materiais e psicológicas: A construção de ambientes nos contos “A casa dos Mastros” de Orlanda Amarilis e “No moinho” de Eça de Queirós

língua portuguesa. Sua paixão pela literatura é o que o impulsiona, e ele acredita que a literatura comparada é uma ferramenta essencial para ampliar e destacar as obras em língua portuguesa, revelando diálogos, circulações e diferenças que enriquecem a interpretação crítica. Além da dedicação acadêmica, Cláudio é um leitor incansável de todos os estilos e veículos literários, um “vício” que ele compartilha com seus dois filhos.